

ASSALTO À BRASILEIRA

DOMINGOS PELLEGRINI

AMOSTRA

Assalto à brasileira

Copyright © 2025 STARLIN ALTA EDITORA E CONSULTORIA LTDA.

Faria e Silva é uma Editora do Grupo Editorial Alta Books.

Copyright © 1988 Domingos Pellegrini

ISBN: 978-6560-2521-10

Produção Editorial: Grupo Editorial Alta Books

Impresso no Brasil – 2ª Edição, 2025 – Edição revisada conforme o Acordo

Ortográfico da Língua Portuguesa de 2009.

P45

PELLEGRINI, Domingos.

Assalto à brasileira / Domingos Pellegrini. – 2ª Edição. – São Paulo:

Faria e Silva, 2025.

168 p. ; 14x21 cm.

ISBN 978-6560-2521-10

1. Assalto a banco – Brasil – Londrina (PR) – Relatos. 2. Crime organizado – Aspectos sociais. 3. Condições socioeconômicas – Brasil – Década de 1980. 4. Jornalismo literário – Brasil. I. Título.

CDD: 364.155

Todos os direitos estão reservados e protegidos por Lei. Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida. A violação dos Direitos Autorais é crime estabelecido na Lei nº 9.610/98 e com punição de acordo com o artigo 184 do Código Penal. O conteúdo desta obra foi formulado exclusivamente pelo(s) autor(es).

Marcas Registradas: Todos os termos mencionados e reconhecidos como Marca Registrada e/ou Comercial são de responsabilidade de seus proprietários. A editora informa não estar associada a nenhum produto e/ou fornecedor apresentado no livro.

Material de apoio e erratas: Se parte integrante da obra e/ou por real necessidade, no site da editora o leitor encontrará os materiais de apoio (download), errata e/ou quaisquer outros conteúdos aplicáveis à obra. Acesse o site www.altabooks.com.br e procure pelo título do livro desejado para ter acesso ao conteúdo.

Suporte Técnico: A obra é comercializada na forma em que está, sem direito a suporte técnico ou orientação pessoal/exclusiva ao leitor.

A editora não se responsabiliza pela manutenção, atualização e idioma dos sites, programas, materiais complementares ou similares referidos pelos autores nesta obra.



Rua Viúva Cláudio, 291 – Bairro Industrial do Jacaré
CEP: 20.970-031 – Rio de Janeiro (RJ)
Tels.: (21) 3278-8069 / 3278-8419
www.altabooks.com.br – altabooks@altabooks.com.br
Ouvидoria: ouvidoria@altabooks.com.br

Editora afiliada à:



SUMÁRIO

	IX
1. Introdução	1
2. UM DIA DE CACHORRO	4
3. Festa de aniversário	5
4. Coisa de cinema	9
5. Uma baita bronca	11
6. Antes, a Igreja	13
7. Primeiro, as armas	17
8. Uma corrida curta	20
9. O primeiro tiro	23
10. As três grávidas	28
11. Conversando se assalta	32
12. Um plano nacional	35
13. A hora do piquenique	37
14. O discurso	41
15. Mais grana, mais grana!	43

16. A festa	48
17. Avião, não!	50
18. Você, você, você	53
19. Entrevista exclusiva	56
20. Últimos passos	58
21. UMA LONGA NOITE	60
22. Buscando caminho	61
23. Ordem de prisão	65
24. Uma cochilada	67
25. Rumo às estrelas	69
26. Robin Hood	72
27. Parada dura	73
28. Toda uma vida	75
29. Todo o amor	80
30. O DIA SEGUINTE	83
31. Marmitas e rugas	84
32. Malandragem	87
33. Boa-fé	88
34. A hora de Deus	92
35. Nº 3: Ismael, a paixão	95
36. Nº 2: Rique, a revolta	98

37. Nº 5: Tiãozinho, o nervosismo	107
38. Nº 4: Valter, a tranquilidade	112
39. Nº 6: Ricardinho, a ingenuidade	116
40. Chamada geral	122
41. Liderança ou loucura	127
42. SEIS MESES DEPOIS	135
43. Uma semana infernal	136
44. Registros fotográficos	146
45. Agradecimentos	158

AMOSTRA

UM DIA DE CACHORRO

Audácia, audácia ainda, audácia sempre.
(Danton)

AMOSTRA

FESTA DE ANIVERSÁRIO

Só podia acontecer em Londrina, dizem as pessoas revendo o noticiário em videocassete.

Durante a ditadura, a cidade sempre votou na oposição. Aqui, faz tempo o Carnaval começa na sexta-feira — e o mais esperado e político discurso do ano é sempre do Rei Momo, ao receber do prefeito as chaves da cidade. Na última vez, os poucos políticos presentes à cerimônia baixaram a cabeça encabulados quando o rei falou:

— Do jeito que anda este país, com esses políticos que estão aí, eu sou a única autoridade legítima! Eu cumpro meu dever durante quatro dias, enquanto eles querem me imitar o ano inteiro: só fazem palhaçada!

É uma terra colonizada por gente de trinta raças e de quase todos os Estados, e seus filhos colonizam hoje os novos Estados do Oeste, plantam até nos cerrados da Bahia. Uma gente atrevida. Entre crises e crises, erguem dezenas de prédios a cada nova estação.

O céu é muito azul na primavera, mas de repente podem passar vendavais. A mais rica mata intertropical do planeta, que há milhares de milênios cobria toda a região, foi derrubada em menos de cinquenta anos — e, sem vegetação para refrear, os ventos passam cada vez mais rápidos. A Comissão de Defesa Civil só tem trabalho nos vendavais — ou num assalto como este.

O comércio começa a vender o Natal, mas o movimento é fraco e, com o assalto, para de vez. Não é todo dia que, no centro duma cidade de 350 mil habitantes, uma quadrilha assalta um banco ao lado de um módulo policial. A agência bancária é logo cercada por centenas de policiais — mas os assaltantes também mantêm centenas de pessoas lá dentro. Fora, a multidão de curiosos toma toda a avenida e interrompe o tráfego antes mesmo dos bombeiros estenderem cordões de isolamento.

O sol e o calor não diminuem a plateia. Mais gente junta para ver os policiais armados correndo para lá e para cá. É hora do almoço, e do comércio saem levas de *boys*, balconistas e secretárias. Por isso, também é a hora em que os paqueradores povoam a Avenida Paraná, somando-se aos desocupados, corretores e vendedores dos mais variados papéis da economia brasileira, da *pule* do bicho às rifas, das loterias aos títulos financeiros. A avenida ferve.

A imprensa zanza entre os policiais, emaranhando fios em que todos parecem enredados, uns posando e outros filmando. Fotógrafos e repórteres tentam entrar no banco, policiais espiam pela fachada de vidros fumê. Quando algum se mostra mais temeroso ou afoito, a multidão ri e vaia, pipocam piadas e tudo vai virando circo.

A fauna é muito curiosa. Um tipo, por exemplo, o alcaguete policial; mais conhecido por *cagueta* ou *dedo-duro*, especialista em entrar em cinemas e festas com a carteirinha de "colaborador". Em emergências como esta, colabora de várias maneiras, desde posar para a imprensa, dar palpites e fazer perguntas aos oficiais e delegados, até correr levando recados e tropeçando para delírio da multidão.

A suposição é um dos meios lógicos de investigação — mas, na multidão contida na esquina pelos bombeiros, as suposições chegam ao fantástico. Por que, por exemplo, aquele cidadão entra no banco de braços para o alto e sem camisa? Depois sai carregando nas costas uma

mulher! Só pode ser o marido dela, entrou lá na marra e tirou o que é seu, ué!

Mas agora o cidadão sem camisa torna a voltar ao banco. Então só pode ser um delegado e dos peitudos, hem! E diz que lá dentro também estão um coronel e um capitão da Polícia Militar, mais o delegado da Polícia Civil! Diabo: então os assaltantes são da polícia, e não deve ser um assalto, mas um protesto por aumento de salário!

As rádios dizem que os assaltantes parecem militares, muito frios e disciplinados. Vai ver é um golpe militar nacional começando em Londrina! O sol castiga, mas a multidão não arreda pé: aumenta.

A tarde avança enquanto se desenrola uma intrigante barganha: do banco saem pessoas, no começo algumas e depois grupos que se abraçam em lágrimas, e entram bandejas de salgadinhos, água e refrigerantes levados por repórteres e policiais, e depois sacolas de dinheiro, armas e munição!

A cidade está parada. Num prédio em construção, o mestre e os operários estão, lá no alto, acorados em volta de um rádio. Nos escritórios, os rádios estão ligados e só se faz o indispensável. Nas casas, as televisões estão em alto volume nas edições extraordinárias. Os locutores narram já em ritmo de futebol, os repórteres falam para as câmeras com uma excitação de frente de guerra, e a multidão aplaude sempre que chegam ao banco mais malotes de dinheiro.

Um ônibus estaciona na porta, mas logo parte. Encosta outro e fica esperando. Que diabo, a quadrilha vai fugir de ônibus?! Decerto para levar reféns, mas por que ônibus? Deve ser uma grande quadrilha — e, pelo comportamento e armamento dos policiais, muito temida no começo do cerco; agora, alguns policiais até chupam sorvetes.

E de repente a polícia se retira! Ficam só os bombeiros contendo a multidão.

E agora! Os assaltantes saem encapuçados, escudados por um cordão de homens amarrados pelos pulsos — coisa de militares, claro!

Entram no ônibus com reféns que levam os malotes, os outros se desamarram e dispersam correndo. Na porta do ônibus, o último da quadrilha, com calças de camuflagem militar, bate continência com displicência de oficial.

O povo grita e aplaude.

À noite, depois de ver a notícia na televisão, a cidade entra em ebulição: os bares lotam, erguem brindes aos assaltantes, carros buzina à toa, o clima é de festa.

AMOSTRA

COISA DE CINEMA

Era mesmo coisa para ser gravada em cassete, até por uma questão de números. A 50 metros de um módulo policial, 7 homens assaltam um grande banco com 300 pessoas dentro, pedem 30 milhões e, depois de 7 horas de drama e comédia com suspense de tragédia, saem aplaudidos com 14 reféns — num ônibus de pescaria.

Os vidros fumê do ônibus protegem contra as câmeras da imprensa ou a mira dos policiais — embora todos os atiradores, encarapitados nos prédios, já tenham se retirado com suas carabinas e coletes à prova de balas.

Os bombeiros baixam o cordão, o ônibus rompe a multidão compacta na esquina, gente que ainda aplaude e ri. Até a saída da cidade, enquanto o motorista-refém buzina para os conhecidos, mais gente aplaude nas calçadas, ou acenam sorrindo com o polegar para cima: gente, enfim, "torcendo para os bandidos na falta de mocinhos", como dirão depois nos bares, "ainda mais bandidos tão bons assim". Pois não deram uma aula de eficiência num país de tanta incompetência? E não trataram todo mundo feito gente o tempo todo? E não foi gostoso ver a impotência de policiais geralmente tão prepotentes? "Banco assalta com juro" — dizem — "Quem assalta banco tem cem anos de perdão". E mesmo os bares que fecham cedo

fecharão bem mais tarde, lotados de gente tagarela. Não se fala de outra coisa.

"Parece coisa de cinema" — repetem os que reveem em videocassete a saída da quadrilha. Os sete mascarados muito calmos, no meio dos reféns tão tensos que andam aos passinhos, como velhos, tão devagar que até parece câmera lenta. Nos malotes, uma quina da Loto! Em várias esquinas, despachos aparecem com velas acesas. A cidade vai dormir tarde na quinta-feira, torcendo pelos assaltantes, em estado de paixão enquanto o ônibus viaja por uma noite fria e estrelada.

AMOSTRA

UMA BAITA BRONCA

O radialista Luiz Carlos Alborghetti chegou a Londrina "com uma mão na frente e outra atrás" — como gosta de repetir — "mas nunca tive rabo preso com ninguém, não devo nada a vagabundo nenhum e ninguém lava as minhas cuecas". Seu programa *Cadeia* é líder de audiência em todo o Estado, transmitido no começo da tarde por uma cadeia de emissoras e visto por gente de todas as classes. Alborghetti faz no Paraná, pela TV, o que Afanásio Jazadji faz na rádio em São Paulo.

De apresentador de comício, passou a vereador mais votado da cidade, defendendo com furor a pena de morte, berrando por cadeia para assaltantes, pedindo pau nos estupradores, escrachando traficantes e espinafrando políticos. Candidato a deputado estadual, acabou o mais votado com quase 100 mil votos, 34 mil em Londrina — e então supõe-se que reflete muito da opinião pública da cidade.

Nos piques de indignação, fica vermelho, as veias saltam no pescoço, esmurra a mesa, joga longe o telefone, xinga o cameraman e bate no peito desafiando as ameaças de morte. Mas, no dia seguinte ao assalto, parece outro homem. Está perplexo. Encara a câmera e se confessa estarecido:

— Eu não acredito, eu me recuso a acreditar! A gente da minha cidade aplaudindo bandido, dando força pra assaltante! Eu estava sonhando?! Temos de botar o Exército nas ruas!

Aos poucos vai se indignando, deixa escapar palavrões, dá uma baita bronca na cidade e acaba o programa perguntando aos berros:

— Por que, meu Santo Pai?! Alguém, pelo amor de Deus, me explique por que essa gente deu de aplaudir bandido?!

Num programa de rádio, na mesma tarde, o apresentador pergunta e uma ouvinte responde:

— Se eu estivesse lá, também aplaudia. Com essa crise, o povo anda tão sem diversão, né?

AMOSTRA